

DUAS DE LETRA
GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Junho 2019

GUIA DE LEITURA

Serotonina – Michel Houellebecq



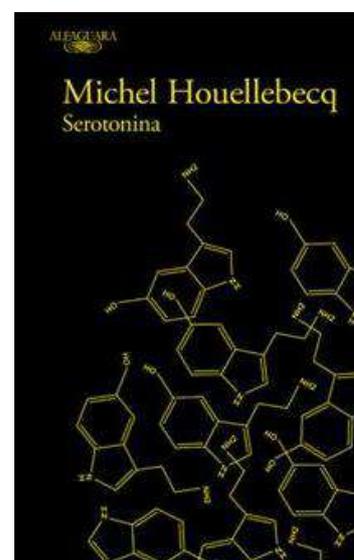
Michel Houellebecq

Biografia: Michel Houellebecq, nascido Michel Thomas (Ilha da Reunião, 26 de fevereiro de 1958), é um escritor francês. Ficcionista, poeta, ensaísta, realizador, argumentista, Houellebecq é um dos mais traduzidos autores franceses contemporâneos, e também um dos mais controversos. Michel Houellebecq é o *enfant terrible* da literatura francesa atual. Odiado e amado, os seus livros abordam sempre temas na moda e são altamente polémicos, porque ele tem sempre um ponto de vista iconoclasta sobre os problemas. Os seus romances *Partículas Elementares* e *Plataforma* valeram-lhe uma reputação internacional de provocador, embora sejam também frequentemente considerados como um sinal de renovação da literatura francesa. Com o livro *La Carte et le Territoire*, Michel Houellebecq recebeu o prémio Goncourt de 2010, o mais prestigioso da literatura francesa.

Entre os romances, contam-se "Extensão do domínio da luta", "Lanzarote", "Partículas elementares", "Plataforma" e "Submissão", que vai ser adaptado a uma série televisiva, como foi anunciado no início deste ano. Com o livro "A possibilidade de uma ilha", editado em 2005, Michel Houellebecq venceu o Prémio Interallié e foi finalista do Prémio Goncourt, galardão que acabaria por lhe ser atribuído pelo romance seguinte, "O mapa e o território", editado em 2010. Os seus livros estão traduzidos em mais de quarenta línguas. Em 2019, ano em que viu editado "Serotonina", foi-lhe atribuída a Legião de Honra. É filho de Lucie Ceccaldi, médica anestesista francesa nascida na Argélia, e de René Thomas, instrutor de esqui e guia de alta montanha. Ele declara que os pais se desinteressaram rapidamente dele, sobretudo após o nascimento de uma meia-irmã. Assim, foram os avós maternos que o criaram, na Argélia. Com seis anos, mudou-se para França com a avó paterna, Henriette, cujo sobrenome adotou. Após estudos num liceu em Meaux, entrou na classe preparatória para as grandes écoles, no Liceu Chaptal de Paris. Em 1975, começou a estudar no Institut national agronomique Paris-Grignon (INA P-G). Nesta escola, fundou a efêmera revista literária Karamazov, para a qual escreveu alguns poemas, e começou a realizar o filme intitulado *Cristal de souffrance*. Saiu diplomado da escola em 1978, com a imprevista especialização em "Valorização do meio natural e ambiental". Aos 16 anos começou a ler H.P. Lovecraft, mestre norte americano da literatura de fantasia e terror. Em 1991 dedicaria um ensaio a Lovecraft.

Sinopse de Serotonina:

Romance lírico, irónico, cruel, cirúrgico e profético, Serotonina é uma radiografia do futuro que nos espera, atravessada pelo olhar sempre provocador de Michel Houellebecq. Florent-Claude Labrouste tem quarenta e seis anos, é funcionário do Ministério da Agricultura e detesta o seu nome. Divide o apartamento na periferia de Paris com Yuzu, a namorada japonesa, muitos anos mais jovem. Cínico, profundamente desesperançado e intimamente só, tudo lhe parece insuportável: a França está à beira do precipício, a Europa ameaça ruir, a sua vida é um beco sem saída.



"Serotonina", novo romance de Michel Houellebecq, chega hoje às livrarias

Lisboa, 21 mai 2019 (Lusa, Diário de Notícias)

O novo romance do escritor francês Michel Houellebecq, "Serotonina", radiografia da decadência da sociedade ocidental e antevisão de um futuro pouco perfeito, chega hoje às

Vencedor do Prémio de Literatura Europeia, "Serotonina", publicado em França em janeiro deste ano, é um "romance lírico, irónico, cruel, cirúrgico e profético", e "uma radiografia do futuro que nos espera, atravessada pelo olhar sempre provocador de Michel Houellebecq", descreve a editora.

"Serotonina" narra, num tom introspetivo e pela voz do protagonista, a vida algo decadente de um funcionário do Ministério da Agricultura, de 46 anos, chamado Florent-Claude Labrouste, que detesta o seu primeiro nome.

Logo nas primeiras páginas, o narrador apresenta-se e dá conta da sua opinião quanto ao nome que os pais lhe escolheram: "Florent é demasiado suave, demasiado próximo do feminino Florence, num sentido quase andrógino. Não corresponde de todo ao meu rosto de traços vigorosos, sob determinados ângulos brutais, que foi frequentemente (por algumas mulheres, pelo menos) considerado viril, e nunca, mas mesmo nunca, o rosto de um larilas botticelliano".

"Quanto a Claude, nem vale a pena falarmos disso, faz-me imediatamente pensar nas Claudettes, e vem-me logo à cabeça a imagem pavorosa de um vídeo 'vintage' do Claude François a ser passado em 'loop' num serão de bichas velhas, assim que ouço o nome Claude", acrescenta.

Feita esta apresentação, está o caminho aberto para aquilo que se revela ser uma personagem homofóbica e racista, machista e centrada na sua própria virilidade, que encara as mulheres como objetos sexuais, tratando-as não poucas vezes de forma desrespeitosa.

É, a par disso, um homem algo amargo, que, apesar de financeiramente desafogado, vive de mal com o que o rodeia, como fica claro, numa descrição que faz da cidade de Paris e do bairro de Beaugrenelle, onde viveu e que "detestava".

"Repugnava-me a cidade infestada de burgueses eco-responsáveis, talvez eu próprio fosse algo burguês mas não era eco-responsável, andava de todo-o-terreno a gasóleo -- talvez não tivesse feito grande coisa da vida mas ao menos tinha contribuído para destruir o planeta -- e sabotava sistematicamente o programa de triagem seletivo posto em prática pelo condomínio do prédio, lançando as garrafas de vinho vazias nos contentores reservados aos papéis e às embalagens, os detritos orgânicos no contentor do vidro".

Sobre este comportamento, Florent-Claude faz ainda questão de esclarecer que não só se "orgulhava" da sua "falta de civismo", como se "vingava mesquinamente do custo indecente do arrendamento e das contas".

Traçado que está o perfil do narrador, Michel Houellebecq conduz o leitor pelo dia a dia deste homem, que divide o apartamento na periferia de Paris com Yuzu, namorada

japonesa, muitos anos mais jovem, de quem diz sistematicamente mal e a quem trata com grosseria, afirmando desde o início que o seu plano é abandoná-la.

Cínico, profundamente desesperançado e intimamente só, tudo lhe parece insuportável: a França está à beira do precipício, a Europa ameaça ruir, a sua vida é um beco sem saída.

A descoberta de uns vídeos comprometedores daquela namorada que ele planeava há muito abandonar, leva-o a despedir-se de muito mais: deixa o emprego, a namorada e a casa, e aluga um quarto de hotel.

Dedica então os dias a divagar e deambular pelos bares, restaurantes e lojas da cidade, até que descobre Captorix, um antidepressivo que liberta serotonina e lhe devolve a possibilidade de aguentar o dia-a-dia, mas lhe rouba aquilo que poucos homens estariam dispostos a perder.

"Os efeitos secundários indesejáveis mais frequentemente observados do Captorix são as náuseas, a diminuição da libido e a impotência. Nunca tinha tido náuseas", diz.

Florent-Claude aproveita a rutura radical para rememorar o passado: as aspirações e ideais de jovem agrónomo; as relações amorosas, de fim desastroso; a nostalgia de um amor perdido; e o reencontro com um velho amigo aristocrata, que o ensina a manusear uma espingarda.

Entre passado e futuro, é-lhe forçoso contemplar, com uma feroz acidez, um mundo sem bondade, desumanizado, atingido por mutações irreversíveis, descreve a editora, acrescentando que "Serotonina" é um "romance-profecia de um futuro pouco perfeito", que reafirma Houellebecq como "um cronista impiedoso da decadência da sociedade ocidental, um escritor indómito e incómodo".

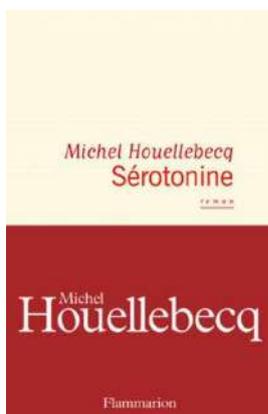
Esta ideia sobressalta também das críticas literárias ao romance, com o *El País* a afirmar que Houellebecq "tem um olfato indiscutível para captar aquilo a que os alemães chamam o 'zeitgeist': o espírito dos tempos", o *El Mundo* a considerar este "um romance demolidor, apesar de, na sua escuridão, cintilar uma esperança", o *Der Spiegel* a convidar o leitor a entrar "na escuridão da terra de amanhã" e o *Le Soir* a afirmar que "'Serotonina' é um grande espelho colocado diante do nosso mundo: e o seu reflexo dá medo".

Houellebecq, um moderno à antiga

Jan Le Bris de Kerne, 8 de Janeiro de 2019 (Público, Cultura Ipsilon)

O novo Houellebecq, *Sérotonine*, que acaba de sair no mercado francês — edição portuguesa garantida para 2019 — é um Houellebecq à antiga. [Tradução de Rita Veiga]

Desde as cinco primeiras páginas, [Michel Houellebecq](#) colocou as suas balizas, as que se conhecem de cor e que têm a sua assinatura. Seria uma cínica estratégia de *marketing* para garantir a benevolência imediata dos admiradores, ou simplesmente o número de um velho cavalo de circo, mediático, que repete incessantemente as mesmas voltas? *Sérotonine* narra, de forma introspectiva-retrospectiva, a vida pouco gloriosa de um engenheiro agrónomo de 46 anos, fazendo-nos andar num vaivém incessante na existência, que ele qualifica de “desmoronar flácido e doloroso”, deste homem branco, um pouco azedo, bastante à vontade financeiramente, obcecado pela sua virilidade, perturbado por uma homofobia primária e racismo, francamente grosseiro com as mulheres, que trata num registo perfeitamente houellebecquiano. À antiga! E sempre, de novo, muito sexo, umas vezes muito cru, outras redundante e pesado. Do sexo, o narrador (ou este é o próprio autor, tanto eles se assemelham, como é frequente nos livros de [Houellebecq](#)) fala com competência e frieza clínica, como a maior parte dos homens quando falam de mulheres entre eles: num campo lexical que sugere que as mulheres-objectos sexuais são os seus piores inimigos, vocabulário violento e marcial, tomado de empréstimo dos teatros de guerra. Na altura das transformações iniciadas pela vaga do #MeToo e do #BalanceTonPorc, minhas senhoras, *Sérotonine* regalar-vos-á, como uma madalena de Proust estragada, de recordações rançosas que prefeririam talvez esquecer.



É, portanto, ao sabor de idas e vindas, em diferentes hotéis de província, de nível médio, frequentemente retratados pela ementa e com o brio habitual do autor para essas passagens descritivas de objectos, desprovidos, na aparência, de qualquer interesse, mas onde se aninha a sua mestria, que o narrador mergulha no seu passado afectivo. As suas amantes, os seus amores, os seus amigos dos tempos de estudante: 20 anos depois de os ter deixado, revê-os, em geral para o pior: os seres desintegraram-se, as ilusões estão mortas desde há muito, os rostos sujos, os corpos fora de serviço. O *road-movie* melancólico desenrola-se, numa França neurasténica, entrecortado com a regularidade de um metrónomo por essas famosas informações técnicas ultradocumentadas sobre todos os assuntos, sobretudo os mais banais (ele tornaria fascinante o modo de utilização de um aspirador), por cenas de sexo cada vez mais estranhas e por momentos de suspensão, de introspecção “*filo-psico*” em que o narrador procura encontrar um contorno para as noções de felicidade, de felicidade conjugal ou amorosa, e de depressão pós-ruptura. Ele apresenta-nos uma sociedade mergulhada, como ele próprio diz, “num período globalmente desumano e merdífico”. O narrador, esse, consegue não se afundar graças a tomar com regularidade Captorix, um antidepressivo particularmente eficaz, mas que anula a libido.

[Houellebecq](#) polvilha *Sérotonine* com a maior parte dos temas escaldantes da sociedade, que apenas têm em comum terem agitado a opinião pública nestes últimos anos e terem passado pelo tambor louco da máquina de lavar mediática: os OGM, a ruína dos produtores de leite, criações intensivas e indignas de animais, o consumo excessivo de álcool dos jovens estudantes, pedofilia, fim crepuscular das grandes famílias da nossa velha nobreza francesa, etc.. Uma pequena trupe de personagens malvadas e maliciosas, estragadas ou deploráveis, reunidas deste modo num romance, como réplica daqueles anti-heróis dos anos 2000, políticos ou financeiros, lixo de altos voos, que tudo quiseram, de tudo se apossaram, tudo espoliaram e que, pela sua ganância, embora tivessem tudo, acabaram na prisão ou suicidaram-se, deixando atrás de si um mundo caótico. Os anti-heróis houellebecquianos parecem-se com eles, mas sem a envergadura financeira nem o destino. Vagueiam por este mundo sinistro que eles próprios ajudaram a criar, desfigurados, mal chegando a perceber que são os seus próprios carrascos. Amostras detestáveis das quais as gerações seguintes tentam livrar-se.

Michel Houellebecq outra coisa não espera, claro: a polémica e os protestos dos “bem-pensantes”, esses lerdos, dizem-nos, que estão em vias de matar a boa velha ordem patriarcal que serve tão bem a um grupo bastante restrito de machos, e mortífero para o resto da humanidade. Ser “bem-pensante” tornou-se um defeito, doravante é preciso pensar mal, é melhor. E quem melhor do que ele para saber como aproveitar-se das tempestades mediáticas para fazer levantar voo e levar até bem alto um livro? Não declarou ele, umas semanas antes da saída de *Sérotonine*, que Donald Trump era um dos melhores Presidentes americanos que alguma vez vira? Os “bem-pensantes” lerdos enforcam-se, ao passo que toda uma faixa da sociedade francesa aprova, hipnotizada por ideologias reaccionárias, identitárias, muitas vezes condenadas repetidamente pelos tribunais, defensoras do regresso do homem branco, possante e onnipotente. Houellebecq afunda-se cada vez mais neste discurso neo-reaccionário, que se encontra multiplicado à exaustão por alguns *youtubers* carismáticos e um pouco loucos, mas que satisfazem as multidões de jovens e menos jovens marginais que têm dificuldade em engolir que não estão sozinhos na Terra. Houellebecq sabe que mulheres, homens novos, “homos”, estrangeiros e progressistas não vão gostar do seu livro. Ele com certeza saliva por isso de antemão. *Sérotonine* tem lugar também para fragmentos de uma grande piada, reflexões absolutamente pertinentes e, como tantas outras vezes, Houellebecq abre portas inesperadas. O olhar que ele mostra sobre as relações homem-mulher modificou-se, aprofundou-se, o que escreve o autor sobre a arte de já não se ser amado, tal como sobre aquele que sobrevive às suas tragédias sentimentais, é tocante de simplicidade e de justiça. Houellebecq toca, remói, atormenta as nossas certezas. Se é verdade que ele está ali onde o esperavam, é para melhor saltar e nos surpreender, desdobrando de repente por detrás de personagens tão habituais nos seus livros uma tela de fundo que nos mergulha em abismos meditativos. Convém, evidentemente, ler o último Houellebecq e ter assim a alegria de o detestar ou de se deprimir com ele.

“A serotonina era uma hormona ligada à auto-estima, ao reconhecimento obtido no seio do grupo. Mas, por outro lado, era essencialmente produzida ao nível do intestino, e a sua existência era assinalada em numerosos seres vivos, incluindo as amebas. Que auto-estima poderia aproveitar às amebas?” (In *Sérotonine*).

“Serotonina”, o mais recente livro de Houellebecq: Em busca do sentido entre química e sagrado

Pastoral da Cultura, Andrea Lavazza (In Avvenire) ,Trad.: Rui Jorge Martins [20.02.2019]

No mais recente e aclamado livro “Sérotonine”, com promessa de edição portuguesa para este ano, o escritor francês Michel Houellebecq aprofunda o desespero do homem contemporâneo, rejeita os antidepressivos, e oferece aos leitores uma surpresa final.

A serotonina é um neurotransmissor que se tornou popular como chave para a felicidade pessoal. Os antidepressivos de última geração procuram manter alta a concentração daquela componente no sistema nervoso, mas sabe-se hoje que não são as variações da serotonina que causam diretamente, na maior dos casos, o mal típico da contemporaneidade.

O deprimido Florent-Claude Labrouste – de 46 anos mas com uma atitude emocional mais típica de uma pessoa com mais de 60 anos –, ao precipitar-se no grau zero da motivação para viver, recorre ao Captorix, feliz invenção do escritor inspirada nos fármacos à venda, a partir do mitificado e demonizado Prozac.

O Captorix, com o seu novo mecanismo de ação, é o substrato da existência da personagem narradora. Age como uma muleta temporária, «não cria nem transforma, interpreta». E, sobretudo, elimina a libido. Não é o grande “euforizador” que oferece uma nova plenitude e reacende um eu gasto, nem o grande aliado do capitalismo que se pauta pela eficiência, e que quer todos, trabalhadores e consumidores, ativos e satisfeitos por via química.

É interessante notar como no horizonte imanentista em que se movem quer o autor quer Labrouste, não funcionam os remédios que a ciência fornece. Não funciona a farmacologia, que abranda o descendimento mas não tem o poder de o parar. Não funciona o implícito paradigma evolucionista

A extenuação do homem ocidental moderadamente rico e moderadamente instruído é uma crise de sentido – recorda-nos Houellebecq desde há muitos romances lucidamente e virtuosisticamente desesperados –, e não é um comprimido que vai restituir esse sentido.

É interessante notar como no horizonte imanentista em que se movem quer o autor quer Labrouste, não funcionam os remédios que a ciência fornece. Não funciona a farmacologia, que abranda o descendimento mas não tem o poder de o parar. Não funciona o implícito paradigma evolucionista, para o qual podem ser o trabalho manual e a luta diária pela sobrevivência aquilo que mantém afastado o tédio do homem contemporâneo, erradicado do seu ambiente primordial.

Com efeito, o amigo Aymeric, que munge manualmente as suas vacas todas as manhãs termina antes de tempo a sua parábola com um suicídio aparentemente “político”, mas na realidade inscrito numa dinâmica de profunda insatisfação pessoal.

Para Florent-Claude, a desilusão alarga-se a partir das relações familiares – os pais também tiram as suas vidas – à dimensão pública: qualquer compromisso de trabalho parece inevitavelmente destinado a um xeque-mate programático, uma engrenagem arrasta as coisas inelutavelmente e ninguém tem a oportunidade de reverter este curso.

Não basta manter o humor com o Captorix, frente a um vazio de que se tem cada vez mais lúcida consciência. Tudo é futilidade, se se renuncia também ao amor, poderia dizer Florent-Claude

Acende-se uma luz em flashes juvenis com as relações afetivo-sexuais que Labrouste agora lamenta como sendo a única fonte possível de felicidade. Mas esses momentos estão irremediavelmente perdidos, porque ninguém teve a coragem de neles colocar o coração, o que significa investir, comprometer-se, renunciar a alguma coisa. A posteriori, talvez fosse esse o caminho a percorrer. Mas os amantes não souberam ir além do seu desejo superficial de não impedir outras oportunidades e continuar a explorar sem uma verdadeira meta.

Não basta manter o humor com o Captorix, frente a um vazio de que se tem cada vez mais lúcida consciência. Tudo é futilidade, se se renuncia também ao amor, poderia dizer Florent-Claude, que sofre autenticamente mas não se abandona ao cinismo – quando se exercita a disparar na praia e não consegue puxar o gatilho depois de ter um pássaro na mira, também o leitor acha empatia por este homem privilegiado que parece andar a desperdiçar a vida.

A surpresa chega no final, que abre um horizonte inesperado, quase “eucarístico”. «Na realidade, Deus ocupa-se de nós, pensa em nós em cada instante, e por vezes dá-nos diretivas muito precisas. Estes fluxos de amor que afluem aos nossos peitos a ponto de nos tirar o fôlego, estas iluminações, estes êxtases, inexplicáveis se consideramos a nossa natureza biológica, o nosso estatuto de simples primatas, são sinais extremamente claros».

E a conclusão, naquelas linhas urticantes escritas por um ateu: «Hoje compreendo o ponto de vista de Cristo, o seu repetido irritar-se perante a insensibilidade dos corações: têm todos os sinais, e não se apercebem. É realmente necessário, além disso, que dê a minha vida por esses miseráveis? É realmente necessário ser assim tão explícito? Parece que sim». Não há Captorix que salve e volte a dar sentido. Mas os outros caminhos para todos os Labrouste revelam-se hoje dolorosamente impenetráveis.

Novo livro de Michel Houellebecq aborda vício em antidepressivos

Polêmico escritor francês também foi apontado como um dos que previram o movimento dos coletes amarelos

Dirce Waltrick do Amarante*, Especial para o Estado

02 de fevereiro de 2019 | 16h00

Sérotonine (Flammarion), último romance do polêmico escritor francês Michel Houellebecq, ainda sem tradução no Brasil, foi lançado no início de janeiro na França e mereceu extensos comentários nos principais jornais daquele país, alguns entusiásticos, outros nem tanto, como o assinado por Antoine Compagnon, e espaço para debate em horário nobre nos noticiários televisivos. O fato é que as vendas do livro deslancharam. O título escolhido por Houellebecq não poderia ser mais atual; afinal, a falta de serotonina, “hormônio do bem-estar”, parece estar afetando boa parte da população mundial e causando o “mal” de hoje, a depressão, combatida com antidepressivos, como o que usa o protagonista da história: “Depois de dois ou três cigarros, tomo um comprimido de Captorix com um quarto de copo de água mineral – geralmente Volvic. Os primeiros antidepressivos conhecidos (Seroplex, Prozac) aumentavam a taxa de serotonina no sangue inibindo sua recaptura pelos neurônios 5-HT1. No início de 2017, a descoberta do Capton D-L abriu caminho para uma nova geração de antidepressivos.”



‘The Cure’ (2014), série de obras de Damien Hirst com imagens de pílulas Foto: MoMA

O protagonista cita com muita familiaridade marcas, não só de remédios, mas de outros produtos, como água, mala, carro, algumas bastante elegantes e caras, que traduzem o mundo e a classe social aos quais ele pertence: “Eu me dirigi para nosso quarto, arrastando minha Samsonite; ela me seguia, a cabeça audaciosamente erguida, tendo deixado as duas malas Zadig et Voltaire (ou melhor Pascal e Blaise, esqueci) bem no meio do hall da recepção”. O personagem divaga sobre os temas mais banais e, outras vezes, mesmo de maneira superficial, fala de assuntos importantes, como meio ambiente, política e economia, e cita, ao lado de pensadores clássicos e modernos, como Schopenhauer, Platão,

Kant, Maurice Blanchot e Georges Bataille, informações que mais parecem ter saído da Wikipédia.

O fato é que o mundo de Florent-Claude Labrouste, o “herói” de *Sérotonine*, é politicamente incorreto, banal, superficial, frívolo. Ele passa grande parte do tempo preocupado com a qualidade dos hotéis, dos champanhes, e com o comportamento dos outros, em geral estrangeiros, vistos de forma preconceituosa e cheia de clichês: “Uma raça de comerciantes políglotas e oportunistas, os holandeses.” Apesar de ter emprego fixo e vida fácil, Labrouste, depois de assistir a um documentário, *Disparus Volontaires* (Desaparecidos Voluntários), decide largar tudo: “Fiquei fascinado, e passei o resto da noite na internet para aprender mais, cada vez mais convencido que iria ao encontro do meu próprio destino: seria, eu mesmo, um desaparecido voluntário.”

Em *Desaparecer de Si: Uma Tentação Contemporânea*, livro lançado na França em 2015 e aqui em 2018, o antropólogo David Le Breton, conterrâneo de Houellebecq, afirma que “o desaparecimento pode ser um desgaste das significações que conservam o indivíduo no mundo, uma breve experiência de desresponsabilização”, que é o mote do romance. A necessidade de desaparecer, em suma, está relacionada à dificuldade de manter a personalidade social, pois a sociedade exige de todo cidadão que ele se mantenha permanentemente mobilizado, afirma Le Breton.

Diante dessa pressão, o desnortado Labrouste abandona sua antiga vida e recomeça do zero, em outro lugar, mas desaparecer não é tão fácil assim. Logo depois as mesmas pressões se impõem e as mesmas exigências voltam à tona.

Labrouste se assemelha muito a Hans Castorp, personagem de *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, e parece não ser descabida essa analogia, já que o próprio Houellebecq cita o romance de Mann nas últimas páginas do livro: “Tinha a intuição de que era um livro fúnebre, mas, afinal de contas, conveniente à minha situação.”

De fato, os dois protagonistas citados desaparecem para reaparecer em uma nova vida em outro local, com outras características, outra identidade, porém seguem em busca de um sentido às suas existências. Se Castorp envolve-se sem nenhuma convicção numa guerra e lá encontra um fim para a sua trajetória, Labrouste vai para o interior da França e se envolve em um movimento de agricultores, igualmente sem nenhuma ligação profunda com essa causa – para alguns leitores, Houellebecq anunciaria o movimento dos coletes amarelos que tomou as ruas de muitas cidades francesas. Mas, ao final, o que mantém em marcha o protagonista, esse “indivíduo hipermoderno”, para usar uma expressão de Le Breton, é mesmo o uso do antidepressivo.

Sexo, Captorix y desencanto en 'Serotonina', la nueva novela de Michel Houellebecq

MANUEL LLORENTE, Madrid, 2 enero 2019



Michel Houellebecq,
poeta, novelista y
ensayista francés.

ANDREU DALMAU EFE

Franco fue un "gigante del turismo", "feminicidio suena a raticida" y sexo con perros. En 'Serotonina', su apasionante nueva novela dispensa una mirada pesimista de la sociedad. Y ajusta cuentas con Proust y Thomas Mann

Michel Houellebecq en estado puro. Bienvenidos a la provocación. En esta novela encontrará **sexo a raudales, pesimismo y desencanto, suicidios**, protestas de agricultores contra la política de la Unión Europea, alcohol y buenas dosis de Captorix, ese fármaco que el protagonista (un hombre de 46 años que trabaja para el Ministerio de Agricultura francés) toma a diario para frenar su depresión. Algunos de sus efectos negativos (impotencia, desaparición de la libido y náuseas) marcarán *Serotonina* (Anagrama), el último libro del escritor francés. Libro trepidante que se lee con pasión. A Houellebecq (62 años) le gusta jugar al despiste, desliza opiniones que no se sabe si es él mismo quien las sostiene o corresponden a su protagonista, pero ahí quedan. Protagonista que, como el autor, es ingeniero agrónomo. Protagonista al que no le gusta su nombre, como el propio Houellebecq, que adoptó el apellido de su abuela paterna, la que realmente le crio.

Esta vez no se centra en una Francia gobernada por los islamistas, como en la novela *Sumisión*, que salió a la venta justo el mismo día de 2015 en que el semanario satírico *Charlie Hebdo* sufrió el ataque de dos encapuchados que asesinaron a 12 personas. Otra novela suya, ***Plataforma*, desarrollaba un atentado terrorista y se publicó un mes antes del ataque a las Torres Gemelas de 2001** y un año antes de otro parecido en Bali. Así nació la leyenda de considerarle un escritor visionario. No. Ahora *Serotonina* transcurre por la vida de Florent-Claude Labrouste que evoca sus amores con Claire, actriz alcoholizada que logró cierto éxito representando una obra de Bataille y que había seducido a los amantes de su madre (quien devolvió el golpe haciendo lo mismo con los novios de la hija); con Camille, joven de 19 años que se convertirá en veterinaria, y con Yuzu, japonesa que graba sus secretas orgías sexuales con hombres y perros dóberman y bull-terrier. No se

ahorran detalles. ¿Se mofa Houellebecq de las feministas cuando, dice el protagonista, "el concepto feminicidio me parecía bastante divertido, me sonaba a insecticida o a raticida"? ¿Sostiene él lo que dice Labrouste cuando éste afirma: "La mujer exige el homenaje de las penetraciones vaginales frecuentes y de preferencia cotidianas (...) **La felicidad del falo pasa a ser un fin en sí mismo para la mujer**"? Otras provocaciones, o no: "Holanda no es un país, es a lo sumo una empresa". "La suite es como una habitación, pero con un vestidor y un cuarto de baño, lo digo para mis lectores de las capas populares".

Y ahora le toca el turno a España y a Franco. La novela arranca con sorna -"hacia el final de la década de 2010; me parece que Emmanuel Macron era presidente de la República"- y en una gasolinera de Almería, donde Labrouste auxilia y queda prendado de dos veinteañeras. Acaba consolándose con su fantasía -"todos los hombres desean chicas frescas, ecologistas y amantes de los tríos; bueno, casi todos los hombres, yo por lo menos"- . Franco. "Francisco Franco, independientemente de otros aspectos a veces objetables de su acción política, podía ser considerado **el verdadero inventor a escala mundial del turismo de lugares con encanto** pero su obra no se detenía ahí, ese espíritu universal sentaría más adelante las bases de un auténtico *turismo de masas* (...) Franco era en realidad un auténtico gigante del turismo y es con esta vara con la que acabaría siendo valorado por algunas escuelas de hostelería suizas, y de un modo más general, en el plano económico el franquismo había sido recientemente objeto de estudios interesantes en Harvard y Yale". Página 33. Tampoco se libran grandes escritores, como Goethe ("uno de los viejos chochos más siniestros de la literatura mundial"), Thomas Mann y Proust, quienes "por más que estuvieran a la cabeza de todo el saber y la inteligencia del mundo (...) no habían estado menos a la merced, y a postrarse, ante cualquier joven coño húmedo o ante cualquier polla". Así, el final de *La montaña mágica* supone para Houellebecq/Labrouste "**el fracaso de toda idea de cultura europea**; significaba incluso, a causa de la victoria a la postre de la atracción animal, el fin definitivo de toda civilización, de toda cultura".

Volviendo a nuestros días, se describe una manifestación de ganaderos de Normandía que protestan contra la supresión de las cuotas de leche dictadas por Bruselas. Balance: 10 agricultores y un antidisturbios muertos en un corte de carreteras con gasolina ardiendo. ¿Pederastia? También la hay, personificada en un alemán que se aprovecha, se supone que pagando, de una niña de 10 años, sesiones que graba en vídeo. Y pesimismo. Al más puro estilo Schopenhauer. Michel Houellebecq, y esto es fehaciente, quedó deslumbrado por el filósofo de Gdansk, a quien tradujo y comentó pasajes de *El mundo como voluntad y representación* y de *Aforismos sobre la sabiduría de la vida*, pues al leer este último libro, parece que por casualidad, "en unos minutos todo se tambaleó", tal y como sostiene Agathe Novak-Lechevalier en el prólogo a *En presencia de Schopenhauer* (Cuadernos Anagrama, 2018). ¿Defensa de los animales? Un episodio detalla cómo conviven en un hangar miles de gallinas apretujadas en medio de los cadáveres en descomposición de sus congéneres. **Denuncia al más puro estilo J.M. Coetzee**. Y soledad. Labrouste (¿Houellebecq?) pasa buena parte del día vagando por París sin rumbo, horas enteras ante el televisor de un hotel donde aún es posible fumar. El mismo Labrouste que visita a un psiquiatra apellidado Azote que fuma Camel y le receta Captorix. ¿Libro apasionante? Lo es. ¿Desmesurado? Puede ser. Pero su lectura no dejará indiferente. A nadie.